

# ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

58 JUL/AUG 2014

**Espetacular**  
**Spectacular**

FEATURING

**Tabanlıoğlu Architects**  
**Maria Eugénia Gomes**  
**Maiko Takeda**  
**Cement Design**  
**Quinta do Lobo Branco**

# LUMPING TOGETHER FORMLESS PHENOMENA<sup>1</sup>

— Pedro Sequeira  
www.pedrosequeira.info  
mail@pedrosequeira.info



Imagem/Image: © Pedro Sequeira

**P**ode a joalheria ser pensada fora da esfera de influência da moda? Como determina a moda as políticas para o uso e a forma em joalheria?

Peças e partes são juntas através de uma série de parâmetros pensados tanto para se ajustar ao corpo como a sua interação dentro de diferentes situações. Do ponto de vista do produtor, as novas tecnologias estão a reconstruir a nossa compreensão tradicional de média (quase tudo pode ser construído a partir de um programa de computador 3D, subsequentemente desvalorizando o conhecimento do produtor, no que respeita às técnicas), no sentido que não há diferença da acção, em termos de criação dessas formas, nem há uma definição que separa um produto de design de outro, quando operado por um técnico/designer ou técnica/operação 3D. Uma vez que a mesma tecnologia pode criar uma ampla gama de resultados (afectada principalmente por uma aprendizagem e compreensão tecnológicas) provavelmente iremos assistir, num futuro próximo, a duas linhas principais de produção: efeitos tecnológicos mainstream e as influências derivadas do fantasma ou negativo dessa função tecnológica.

Como observadores e usufruidores do fenómeno mundial da moda, que alarga mais e mais o seu âmbito de produção de forma, deveríamos questionar se hoje ainda é possível fazer uma distinção entre as disciplinas tradicionais, quando o eu actua a partir de uma ampla gama de ferramentas e a vida é um palco para a extrapolação, usando o objecto como um produto descartável.

A joalheria é obsoleta, não determina modos. A moda é impositiva: abre portas do imaginário para o real, trespassa os limites da banalidade, aquilo que o homem procurou desde que tivemos consciência de nós mesmos. A moda procura o limite e o excesso. A modernidade é também o excesso, nunca se produziu tanto e nunca se consumiu tanto. O excesso também se configura em lixo e integra o desnecessário, o ordinário, a repetição. Numa entrevista sobre arte e arquitectura a 17 de Agosto de 1956, para a BBC Radio 3, dizia Colin St John Wilson que há apenas duas coisas na arte: humanidade ou a sua ausência e que a mera forma e o detalhe em si não fazem uma boa humanidade. Dizia ainda que então tínhamos já suficiente arquitectura moderna que é má e superficial, não bastando justificar-se como moderna.

Em joalheria, como em qualquer outro lugar, acontece o mesmo. O seu âmbito alarga e as formas e pressupostos banalizam-se, repetem-se. Vejo mais e mais a repetição de fórmulas e formas existentes que caem sobre a mesa como acções transfer sem uma posição clara sobre as precedentes. ∞

\*O Autor deste texto optou por não aderir ao novo acordo ortográfico.

<sup>1</sup> — Ver conteúdo da entrevista na BBC Rádio 3: Peter Smithson, Colin St John Wilson, William Turnbull e Richard Hamilton em discussão com Teo Crosby e David Piper, 17 de Agosto de 1956.

**C**an jewellery be approached beyond the sphere of influence of fashion? How does fashion determine the politics of the use and form of jewellery?

Pieces and parts are brought together through a series of parameters designed to both adjust to the body and to interact within different situations. From the point of view of the producer, the latest technology is reconstructing our traditional understanding of media (almost anything can be made using a 3D computer programme, subsequently devaluing the knowledge of the producer, as far as technique is concerned), in the sense that there is no difference in action, in terms of the creation of these forms, nor is there a definition which distinguishes one design product from another, when operated by a 3D technician/designer or technique/operation. Since the same technology can create a vast range of results (mainly affected by technological training and understanding) it is likely that, in the near future, we will witness two main production lines: mainstream technological effects and the influences derived from the ghost or negative of this technological function.

As observers and users of the global phenomenon of fashion, whose scope of the production of form is ever-expanding, we should now be asking if it's possible to make a distinction between traditional disciplines, when the self acts by making use of a varied range of tools and life itself is a stage for extrapolation, using objects as a disposable product.

Jewellery is obsolete; it doesn't determine modes. Fashion is necessary: it opens doors to the imagination and reality, leaps across the limits of banality, which is something mankind has searched for ever since we became aware of ourselves. Fashion seeks the limit and excess. Modernity is also excess; never have we produced and consumed so much. Excess also becomes rubbish and a part of the unnecessary, the ordinary and repetition. In an interview about art and architecture on the 17th of August, 1956, for BBC Radio 3, Colin St John Wilson stated that there are only two things in art: humanity or its absence and that mere form and detail themselves do not produce good humanity. He also argued that, at the time, we already had enough modern architecture that was bad and superficial, that couldn't simply justify itself as modern.

In jewellery, as elsewhere, the same thing occurs. Its scope expands and its shapes and assumptions become banal and repetitive. What I see more and more of is the repetition of already existing formulae and forms that are placed on the table as transfer actions lacking a clear position in relation to their precedents. ∞

<sup>1</sup> — See content of interview for BBC Radio 3: Peter Smithson, Colin St John Wilson, William Turnbull and Richard Hamilton in discussion with Teo Crosby and David Piper, 17 of August, 1956.

#### Bibliografia/Bibliography:

Kite, Stephen e Colin St John Wilson and The Independent Group: "Art, Science and the Psychologising of Space", Journal of Visual Culture, vol. 12, nr. 2 Agosto 2013, p. 248  
Tsui, Christine: "From Symbols to Spirit: Changing Conceptions of National Identity in Chinese Fashion", Fashion Theory, The Journal of Dress, Body & Culture, vol. 17, Issue 5 Novembro 2013, editora Bloomsbury